

Desde cedo

Deborah Aguiar

Quando conheci Tereza ela já estava cega e velha, mas isso não me impedia de levar flores para ela todos os dias. Tereza te olharia como onça te olha do meio do mato: ressabiada, mas sem medo. E acredito que tenha sido assim desde o começo.

Nasceu na suíça brasileira, onde os morros te rodeiam, te protegem, te abraçam e te prendem. Não tem noite que seja quente e no inverno a geada queima a grama. Lá desde criança se trabalhava no roçado. Café e marmelo. Trabalhar na lavoura de café te mantinha acordado e no pomar de marmelo tinha seu lirismo doce – de dar sede. Foi com essa sede que oncinha resolveu sair do marmelo e ir pro café. Achou que se cruzasse a serra daria lá mais rápido que o sol, mas não deu. Quando se deu no meio do mato do morro e se viu perdida rodou até o sol começar a deitar, então se sentou. Tava ela mais uma cesta de palha vazia e tinha certeza que bicho onça não se satisfaria em apenas roubar sua cesta. Sentada e desacomodada sentiu o vento começar a farfalhar o mato. O vento vinha de todo lado e de lugar nenhum. Seus olhos estavam fincados numa moitinha de amoras verdolengas quando sentiu uma respiração quente na sua bochecha encardida direita. Dois olhos de jabuticaba. E o branco do olho era mais branco que roupa quarando no sol. Se jogou pro lado das amoras verdolengas e aqueles olhos sérios começaram a rir. Ele era preto feito noite sem lua. Preto feito noite sem lua e de tempestade. E seus olhos eram relâmpagos. Tereza já não tinha mais medo de onça.

*-Ocê bem podia ter a idade dessas suas mão calejada.
Qualquer um que visse também saberia quem ele era. -Ieu sei dé qui eu tô, já tô indo imbora.*

Começou a rir enquanto pegava as amoras verdolengas, e ria enquanto as mascava.

*-Nóis pode armá um trato. Ocê pranta tabacu na sua casa
u restu da vida i eu te levu imbora.*

*-Ieu sei lá si u meu maridu vai deixá eu prantá tabacu?
Eli vai querê umas hortaliça, issu sim!*

Ele ria como se soubesse de algo que nós não soubéssemos. Uma piada do dia da criação.

-Xé... i deisdi quandu maridu manda im arguém? Ocê tá cum idade di preocupá cum casório? Dêxe di sê besta! Faz essa cara di onça inrugano u nariz aí qui ocê faz qui u restu si encarrega. Ocê quer qui ti leve ou não?

-Si ocê num me levar agora num vai sabê si eu vô cumpri ou não.

Tereza ficou de pé segurando firme a cesta e sem se desequilibrar ou sentir o peso, o moleque a jogou nas costas e já estavam no terreiro de casa. Ele tocou os lábios de Tereza com aquela mão da noite, fez que não com a cabeça e numa lufada já não estava ali. Aquela noite Tereza dormiu com a bunda quente, pois perdeu o ordenado do dia.

Três anos depois deram a menina em casamento com um italiano. Disseram que era sorte o homem querer uma menina que com onze anos ainda não sabia cozinhar. Disse que só a faria mulher quando ela virasse mocinha, e que até lá a ensinaria cuidar da casa. E que até lá as mãos de Tereza estariam finas. Mas Tereza precisava plantar, plantava couve, alface, tomatinho, cebolinha, salsinha e tabaco. Um dia o italiano chegou em casa exalando vinho doce e bateu em Tereza com a vassoura. Disse que ninguém naquela casa fumava. Que se plantasse mais uns pés de couve. No outro dia Tereza plantou mais três pés de couve, perfumou a casa com lavanda e esperou o italiano chegar. Apanhou de novo. E nem envinhado ele estava. No outro dia, antes de sair pra roçar ele encomendou o almoço. Arroz, feijão e linguiça de porco. Chegou mais amansado pro almoço. Cheirou aquele feijão vermelho cozido com beterraba. Beijou a testa de Tereza e a mandou arrumar a mesa. Tereza procurava a toalha do enxoval na malinha verde quando o italiano gritou

*-Ô, Tereza... fez do jeito que eu gosto...
a couve refogadinha com o feijão...*

Tereza empalideceu. Não tinha feito couve nenhuma. Ouviu o baque do corpo no chão e correu pra cozinha. O italiano tava lá estirado com a boca mais roxa que o comum. O pé de tabaco pelado. Começou a ventar e Tereza não achava explicação. Ninguém morria de tabaco. Ouviu aquela risada enferrujada e entendeu tudo. O preto tava ali com o pé na sua porta mostrando os dentes mais brancos que roupa quarando no sol. E Tereza selou o acordo:

-O que aconteceu com sua perna?